

**AQUISIÇÃO DOS MARCADORES
DISCURSIVOS – CONCLUSIVOS – AO LONGO DA
APRENDIZAGEM DO PLE POR FALANTES DE INGLÊS**

Bernardino Valente CALOSSA¹

Resumo

Neste artigo, investigamos a aquisição dos marcadores conclusivos ao longo da aprendizagem de Português Língua Estrangeira (PLE) por falantes nativos do Inglês. Para a amostra, selecionamos 15 textos escritos por aprendentes dos níveis A1, B1 e C1 do *corpus PEAPL2* de modo a verificar i. quais os marcadores conclusivos que são mais utilizados; ii. as dificuldades na sua utilização; e iii. a evolução na aprendizagem, por nível. Os resultados revelam que os marcadores conclusivos que mais ocorrem nas produções escritas analisadas são o *por isso* e o *então* e a principais dificuldades na utilização prendem-se com a excessiva repetição. Verificamos ainda que a evolução na utilização dos marcadores conclusivos não é quantitativa, mas na capacidade de utilizá-los de forma moderada e de substituí-los por estruturas linguísticas equivalentes.

Palavras-chave: marcador discursivo; marcador conclusivo; aquisição; PLE.

**ACQUISITION OF DISCOURSE MARKERS - CONCLUSIVES -
THROUGHOUT THE LEARNING OF PLE BY ENGLISH SPEAKERS**

Abstract

In this paper we investigate the acquisition of concluding markers throughout the learning of Portuguese as a Foreign Language by native speakers of English. For the sample, we selected 15 texts written by learners of levels A1, B1 and C1 of the *PEAPL2 corpus* to verify i. which conclusive markers are most used; ii. the difficulties in their use; and iii. the evolution in learning, per level. The results show that the conclusive markers that occur most in the analyzed written productions are *por isso* and *então*, and the main difficulties in their use are related to excessive repetition. We also verified that the evolution in the use of conclusive markers is not quantitative, but in the ability to use them moderately and to replace them by equivalent linguistic structures.

Keywords: discourse marker; concluding marker; acquisition; PSL.

¹ Universidade Mandume Ya Ndemufayo / Universidade de Coimbra. E-mail: dino.calossa@gmail.com

Introdução

Em investigações sobre a aquisição linguística discute-se muitas vezes como é que se processa a aprendizagem de uma língua segunda e até que ponto o ensino formal, a imersão dos aprendentes, ou outros fatores facilitam o percurso de desenvolvimento linguístico. Nos documentos orientadores, está previsto um conjunto de competências que um falante de um certo nível deve necessariamente possuir para ser considerado apto em exames de aferição linguística (CONSELHO DA EUROPA, 2001; LEIRIA, et al., 2008). Os marcadores discursivos, de uma forma geral, estão presentes desde a fase inicial e estendem-se até a fase mais avançada de aprendizagem de acordo com a facilidade ou a complexidade deles.

Neste trabalho, restringimos a nossa abordagem aos marcadores conclusivos. Tencionamos verificar como estes marcadores são utilizados em produções escritas dos falantes nativos do inglês, bem como a sua evolução de acordo com os níveis em que os aprendentes se encontram. Para isso, servimo-nos de 15 produções escritas retiradas do corpus PEAPL2 selecionadas tendo como critério a língua materna dos autores, neste caso o inglês, e o estímulo utilizado para a sua produção. Para a análise dos dados, adotamos uma abordagem semântico-pragmática, inserida num quadro teórico cognitivo-funcional, isto é, o estudo da “estrutura semântica interna prototípica” do marcador conclusivo e “a natureza polissémica destes itens lexicais” (LOPES, 2008) nos textos e, do ponto de vista prático, usamos a estatística descritiva para verificar a tendência central com base na frequência.

Em termos de estrutura, este trabalho apresenta uma primeira parte em que se faz um breve enquadramento teórico sobre os marcadores discursivos (conceptualização, principais teorias/abordagens e alguns estudos sobre a aquisição destas estruturas linguísticas em português) e sobre os marcadores conclusivos (conceitos, suas propriedades semânticas e as relações lógico-semânticas que estabelecem entre as estruturas que interligam) e uma segunda parte em que apresentamos a metodologia, os resultados e a discussão.

Marcadores discursivos

Nem sempre é fácil formular um conceito para marcadores discursivos, porque “são múltiplas as pesquisas desenvolvidas nas últimas décadas, levadas a cabo por investigadores provenientes de distintas áreas (linguística descritiva, cognitiva, formal ou computacional)” (LOPES; CARAPINHA, 2017, p. 118) e muitas vezes elas apresentam concepções diferentes. Os gramáticos normalmente enquadram estas estruturas no estudo das conjunções, dos advérbios e das preposições (MARQUES; PEZATTI, 2015), mas, segundo Zorraquino e Lázaro (1999, p. 4055) não são poucos os “outros elementos gramaticalizados que podem desempenhar, em certos contextos, funções que não se ajustam às que elas cumprem habitualmente ao nível da sintaxe oracional”. Assim, encontrar um conceito que sirva de denominador comum para essas áreas e/ou para as diferentes abordagens é um desafio difícil de ultrapassar.

Apercebendo-se dessa necessidade, Penhavel (2012) analisou diversas abordagens sobre a temática e chegou à conclusão de que todas as abordagens têm em comum o fato de apresentarem os marcadores discursivos como elementos que facilitam o processamento do discurso. Para este autor, independentemente da teoria ou da área em que os marcadores são estudados, eles são essencialmente entendidos como facilitadores do discurso, ou seja, elementos que, ao favorecer uma relação discursiva entre as diferentes estruturas que compõem o texto, “permitem distinguir um texto de um conglomerado aleatório de enunciados” (LOPES; CARAPINHA, 2017, p. 118).

Zorraquino e Lázaro (1999), por sua vez, concebem os marcadores discursivos como sendo unidades linguísticas invariáveis que não exercem nenhuma função sintática numa oração – são elementos marginais – e possuem um papel no discurso: o de guiar, de acordo com as suas distintas propriedades morfossintáticas, semânticas e pragmáticas, as inferências que se realizam na comunicação.

Considerando os domínios de significação em que operam, os marcadores discursivos podem ser categorizados em dois grupos: os que envolvem o domínio ideacional e os que envolvem o domínio interpessoal ou pragmático. Segundo Lopes e Carapinha (2017), os primeiros são os que interligam situações linguisticamente representadas e interpretadas como algo que ocorre num mundo (no mundo real ou num mundo possível) e os segundos são aquelas que envolvem uma articulação entre atos de fala ou atos discursivos. As autoras acrescentam que “estas relações discursivas podem ser inferidas no processo interpretativo, mas podem também ser sinalizadas por

conectores ou marcadores discursivos” (*Ibidem*, p. 118). Esta parece-nos ser uma conceção mais adequada de marcador discursivo, por ser abrangente e, por isso, contemplar todos os “facilitadores de discurso”.

Principais teorias/abordagens sobre marcadores discursivos

Já foi dito que os marcadores discursivos são elementos que constituem campo de investigação explorado por autores de várias áreas de atuação. Desta diferença de domínios, resulta uma diferença de teorias/abordagens, embora todas elas, de uma forma geral, atuem na organização dos atos de fala e do discurso e apresentem aspetos gramaticais e funcionais que são observados nas formas e nas posições que ocupam no desempenho da sua função (FREITAG; SILVA; EVANGELISTA, 2017).

Segundo Morais (2012), do ponto de vista do tratamento da questão dos marcadores discursivos, salientam-se, entre muitas, três teorias mais conhecidas e, por isso, mais estudadas: a teoria da estrutura retórica de Mann e Thompson (1988; 1992), a teoria da argumentação de Ducrot e Anscombe (1980; 1983) e a teoria da relevância de Sperber e Wilson (1995).

Na teoria da estrutura retórica, “considera-se que as unidades de conexão estão ao serviço da construção do texto, encontrando-se diretamente relacionadas com o estabelecimento de relações de coerência e coesão” (MORAIS, 2012, p. 77). Pode-se dizer que para estes os marcadores discursivos são entendidos como instrumentos “ao serviço da conexão, que funcionam como uma espécie de cola sintática ou semântica e que permitem a formação de unidades mais complexas” (*Ibidem*, p. 78). Assim, basicamente essa teoria considera os marcadores como elementos de conexão e, por isso, envolve os conectores e as conjunções.

Não muito diferente da teoria da estrutura retórica, a teoria da argumentação parte do pressuposto de que “a argumentação é uma propriedade inerente da linguagem e abre igualmente um espaço privilegiado para o estudo dos conectores” (MORAIS, 2012, p. 78). Para os autores que defendem esta teoria, os conectores são “concebidos e analisados como unidades que tornam possível a consecução de um efeito argumentativo, em virtude das restrições de encadeamento que impõem à interpretação dos enunciados que unem” (*Ibidem*), ou seja, é, em resumo, uma teoria essencialmente semântica que “se preocupa, pues, de cómo se construyen los significados en una lengua

y es secundario en ella la explicación de las categorías gramaticales y tampoco es primordial la aclaración de sus funciones pragmáticas dentro de la conversación” (LÁZARO, 1998, p. 73).

Quanto à Teoria da Relevância, esta surge como “un modelo pragmático que se propone explicar cómo interpretamos los hablantes los enunciados, apoyándose en una hipótesis de carácter cognitivo acerca de cómo los seres humanos procesamos la información lingüística” (MORTOLÍO DURÁN, 1998, p. 95). A importância desta teoria no estudo dos marcadores discursivos está essencialmente na “caracterización semántico-pragmática de estas unidades en términos de ayuda o instrucciones para la interpretación – en concreto, de facilitación de inferencias –, y, por lo tanto, la definición de los marcadores como elementos de significado computacional” (Ibidem, p. 118). Assim, os marcadores discursivos nesta teoria são vistos como “unidades caracterizadas por realizarem significado de processamento” e analisam-se sobretudo “os diversos tipos de restrições exercidas pelos conectores discursivos na derivação de implicaturas e a construção da relevância dos enunciados” (MORAIS, 2012, p. 78).

Entretanto, Morais (2012) é de opinião que a diferença entre essas teorias consiste essencialmente de designação, considerando que algumas utilizam a expressão “conector”, por exemplo, para se referir à conexão ou união de segmentos textuais, tanto do ponto de vista funcional, como hierárquico, ou seja, como sinónimo de marcador discursivo. Por isso, Penhavel (2010; 2012) assinala que o melhor é classificar os estudos de acordo com as suas abordagens e propõe, para isso, três tipos. O primeiro compreende às que tomam como marcadores discursivos expressões afixadas a um enunciado matriz, isto é, elementos que têm a função de conexão e que se referem a um aspeto desse enunciado. O autor enquadra nesta categoria trabalhos de investigadores como Fraser (2006), Blakemore (1987, 2002), entre outros. O segundo, de acordo com Penhavel (2010; 2012), compreende àquelas abordagens que estudam os marcadores discursivos como sendo expressões que constituem um enunciado completo, com a principal função de gerir a conversação e que se referem a domínios comunicativos. Nesta abordagem, o autor enquadra os trabalhos de Fischer (2000, 2006), Frank-Job (2006) entre outros. E o terceiro e último tipo de abordagens compreende as que consideram as expressões dos dois tipos distinguidos acima como sendo marcadores discursivos, isto é, tanto os conectores, quanto expressões mais diretamente ligadas à

gestão da conversação. Nessa terceira modalidade de abordagem, Penhavel (2010; 2012) inclui, por exemplo, investigações como a de Schiffrin (1994) e as de Risso, Silva e Urbano (2006).

Para este estudo, consideramos esta última abordagem, pois os marcadores conclusivos, que são o objeto na nossa investigação, são constituídos por elementos que, sendo enunciados completos, interligam partes de um texto (em contextos frásicos ou interfrásicos), para introduzir uma conclusão e/ou fechar uma abordagem e outros que, interligando dois atos de fala, introduzem uma oração que expressa consequência ou servem para fazer deduções e inferências a partir da oração previamente referenciada.

Marcadores discursivos na aquisição do português

São poucos os trabalhos sobre a aquisição dos marcadores discursivos em português. Os estudos que existem tratam normalmente de analisar como ocorrem estas estruturas, ou um marcador em específico, em produções orais ou escritas de aprendentes do PLE (SHANSHAN, 2015; OLIVEIRA, 2010), em outros casos considerando alguns fatores que influenciam o processo de aquisição (COSTA *et al.*, 2007).

Shanshan (2015) analisa produções escritas de aprendentes de PLE de nacionalidade chinesa, para verificar como se processam as construções de subordinação adverbial introduzidas por conectores, e, como conclusão, diz que estes aprendentes produzem mais frases complexas por subordinação temporal, causal e finais, que ocupam respectivamente os primeiros três lugares em comparação com as orações concessivas e condicionais. Esta pesquisa é interessante para o nosso estudo na medida em que alguns investigadores consideram que as orações conclusivas, do ponto de vista semântico, são subordinadas, por causa da interdependência entre as ideias (cf. MARQUES; PEZATTI, 2015; OLIVEIRA, 2011).

Por sua vez, Oliveira (2010) analisou produções escritas de vinte e nove aprendentes de nível C1 e de línguas maternas diferentes e conclui dizendo que os participantes apresentam, de uma forma geral, uma “pobreza lexical” muito significativa, que se manifesta pela quase ausência de organizadores do discurso e consequente repetição dos mesmos conectores: “e”, “mas” e “porque”. De forma mais específica, esta autora constata a presença do conector “e” e “mas” em todas as

produções escritas dos alunos. O conector discursivo “*também*” teve ocorrências em seis das vinte produções escritas, “*por isso*” em três, “*contudo*” e “*então*” numa delas.

Podemos verificar nas constatações de Oliveira (2010), que os marcadores conclusivos (*por isso* e *então*) aparecem nos textos escritos analisados com menos frequência, o que nos leva a inferir que estes marcadores não são comuns (em termos de utilização) mesmo em estágios de aprendizagem mais avançados.

Costa *et al* (2007), ao estudarem a relação entre o *input* e a frequência de utilização dos marcadores discursivos concluem que, ao contrário do que se poderia esperar, não lhes foi possível, por meio dos dados analisados, confirmar a hipótese segundo a qual a frequência de conectores no *input* determina a frequência e a ordem de emergência dos mesmos conectores no discurso dos falantes. Os autores explicam esta situação com o fato do *input* não ser estável, podendo a frequência dos conectores no discurso ser descrita através de uma linha de crescimento. Isto quer dizer que os (outros) falantes adaptam o seu discurso ao estágio de desenvolvimento de quem se encontra a aprender a língua.

Apesar do estudo de Costa *et al* (2007) ter sido feito tendo como participantes mães e filhos, não é grande o risco de afirmar que estas conclusões podem ser aplicadas igualmente (em maior ou menor grau) aos falantes nativos relativamente aos aprendentes de PLE em contextos de imersão.

Marcadores conclusivos e suas propriedades semânticas

Os marcadores conclusivos integram quer “expressões que podem articular coerentemente representações de situações do mundo, como acontece com a relação de causa/consequência”, quer expressões articulam “coerentemente dois atos de fala, como acontece com a relação de justificação/explicação” (LOPES & CARAPINHA, 2017, p. 118).

Um dos aspetos que caracterizam de forma uniforme todos os marcadores conclusivos é a “possibilidade de, de acordo com o contexto frásico, criarem nexos lógicos de premissa-conclusão e de causa-consequência” (OLIVEIRA, 2011). Na sua função semântica fundamental, de expressar uma conclusão, estes marcadores interligam estruturas que estabelecem entre si relações lógico-semânticas mais precisas.

Marques e Pezatti (2015) apresentam várias concepções para marcadores conclusivos e dizem que as mesmas podem ser reunidas em dois grupos: i. marcadores conclusivos enquanto estruturas que introduzem orações conclusivas que exprimem conclusão ou consequência lógica da primeira oração (P *então* Q)²; ii. e marcadores conclusivos enquanto formas que são usadas para mostrar a intenção do falante em levar o destinatário a compreender sua inferência tendo como base as informações partilhadas por ambos no processo comunicativo (se P *então* Q).

Koch (2002), por sua vez, esclarece que as orações interligadas por marcadores conclusivos podem estabelecer apenas a i. relação de condicionalidade (se P *então* Q); e a ii. relação de causalidade (P *então* Q). A autora ilustra a sua abordagem com os seguintes exemplos:

(4) Se aquecermos o ferro *então* ele se derreterá.

(5) O torcedor gritou demais *então/por isso* ficou rouco.

Parece-nos que a conexão ilustrada em (5) a que Koch (2002) designa por relação de condicionalidade é equivalente à relação a que Marques e Pezatti (2015) concebem como sendo de consequência, mudando apenas a perspectiva de focalização, ou seja, enquanto aquela centra a sua atenção no antecedente, estas autoras centram-se no conseqüente da estrutura frásica.

Quanto à posição, em algumas relações os marcadores conclusivos assumem prototipicamente uma posição interoracional (quando introduzem uma oração coordenada conclusiva), em outras admitem mobilidades, com exceção do marcador *logo* (LOPES e CARAPINHA, 2013).

Para este estudo, consideraremos todos os contextos analisados, desde que preservada, pelas palavras, a função de estabelecer a relação de conclusão.

Metodologia

Da constituição do Corpus

Para a realização deste trabalho utilizamos o corpus PEAPL2 do Centro de Estudos de Linguística Geral e Aplicada da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Selecionamos 15 produções escritas com base na língua materna dos aprendentes e o nível de aprendizagem em que os mesmos se encontravam. Assim,

² Em que P representa a premissa e Q a conclusão.

analisamos 5 textos de aprendentes do nível A1, 5 do nível B1 e outros 5 do nível C1; todos os autores dos textos são falantes nativo do inglês. O número de produções escritas do nível C1 disponíveis no *corpus* determinou a quantidade de textos que foram selecionados para outros níveis. Nos níveis em que havia mais texto, a seleção dos textos foi aleatória.

Da análise do corpus

O primeiro passo para a análise dos dados foi o levantamento de todos dos marcadores conclusivos nas produções escritas analisadas. Nesta fase, foram considerados válidos os casos em que o marcador conclusivo não estivesse riscado, pois se isso acontecesse, seria sinónimo de esse marcador foi ressalvado, de acordo com as regras de transcrição do *corpus*. Depois de identificados os casos, recorreremos a uma análise estatística descritiva, para verificar a tendência central dos casos identificados, considerando as variáveis tipo de marcador conclusivo e nível de aprendizagem dos aprendentes.

Em seguida, procedemos a uma análise de adequação semântico-pragmática dos marcadores conclusivos identificados. Nesta fase, consideramos exclusivamente as propriedades dos marcadores identificados e não tivemos em conta a questão da correção ortográfica ou sintática, por exemplo, considerando todas as estruturas linguísticas que desempenham a função de marcador conclusivo, independentemente da sua natureza morfológica ou sintática.

Resultados e Discussão

Utilização dos marcadores conclusivos

Ao analisar os dados para verificar a ocorrência de marcadores conclusivos na amostra selecionada, obtivemos os seguintes resultados:

Tabela 1 – MC utilizados pelos aprendentes

MC	Frequência	%
Em conclusão	1	4%
Então	3	12%
Finalmente	1	4%

Para concluir	1	4%
Por causa disso	1	4%
Por isso	17	68%
Portanto	1	4%
Total	25	100%

Fonte: elaborada pelo autor.

Podemos verificar na tabela acima que, de uma forma geral, o marcador conclusivo *por isso* é o que apresenta maior número de ocorrências, com 68% de casos, seguido do marcador *então*, com 12% dos casos. Estes resultados vão de acordo com os resultados de Oliveira (2011), que, no seu estudo, regista o marcador *por isso* em 5 produções escritas e o marcador *então* em uma, num total de 29 produções escritas.

Este é um claro indicador de que estes marcadores, particularmente, são os que os falantes nativos de outras línguas, com particular destaque para o inglês, adquirem com facilidade e os resultados acima confirmam esta afirmação.

Utilização dos marcadores conclusivos por nível

Relativamente à ocorrência dos marcadores conclusivos por nível de aprendizagem, os resultados foram os seguintes:

Tabela 2 – utilização dos MC por nível

MD	Nível		Total
	B1	C1	
Em conclusão	1	0	1
Então	1	2	4
Finalmente	0	1	1
Para concluir	1	0	1
Por causa disso	1	0	1
Por isso	12	5	17
Portanto	1	0	1
Total	17	8	25

Fonte: elaborada pelo autor.

Uma primeira referência importante nesta análise é a não ocorrência de marcadores conclusivos nas produções escritas dos aprendentes do nível A1. Trata-se de

uma constatação que, de alguma forma, já era esperada, uma vez que este grupo se encontra numa fase inicial de aprendizagem e pelo fato de os marcadores conclusivos não serem propriamente estruturas de aquisição precoce.

Do ponto de vista comparativo, os marcadores *então* e *por isso* são os únicos que ocorrem nos textos escritos dos aprendentes dos níveis B1 (com 1 e 2 ocorrências, respetivamente) e do C1 (com 12 e 5 ocorrências, respetivamente). Em termos quantitativos, há uma evolução na utilização do marcador conclusivo *então* e uma regressão na utilização do marcador conclusivo *por isso*.

Para percebermos essa regressão, no caso da utilização do marcador conclusivo *por isso*, apresentamos em seguida dois extratos de um dos textos do grupo B1:

(6) “*Também há unos bares, cupes e <(> lojas importantes como um supermercado, um banco e uma farmácia. <Por isso é bom que> /Por/ isso é muito conveniente para as coisas que preciso de ter <di> todos os dias. É uma aldeia onde toda a gente se conhece <para> porque todas as pessoas vão à mesma escola. Contudo <foi> fui à escola diferente por isso não conheço quasi ninguém e este é uma coisa que mudaria. <(> Também para sair às noites preciso de viajar à outra cidade porque na há <ni> nenhuma discotecas, por isso se <podesse p> houvesse uma discoteca sera um aldeia mais interessante*” (INGLÊS.ER.B1.109).

(7) “*Contudo tenho muito sorte porque vivo perto as duas cidades muito grandes que tem quasi tudo que quero e <e> tem aeroportos por isso é muito facil e conveniente para viajar onde quero. Um problema com o meu barrio é que o sistema de transporte é muito mal e caro. Por exemplo se quero ir a Manchester leva muito tempo, os comboios não sao frequente e costa cinco euros. Por isso é um barrio <aburrido> aborrecido se nao tem carro*” (INGLÊS.ER.B1.109).

Verificamos que o uso reiterado do mesmo marcador conclusivo é indicador do grau de competência linguística dos aprendentes do nível B1, ou seja, nota-se claramente uma incapacidade destes falantes utilizarem outros marcadores equivalentes a *por isso*. Iglesias Moreno identificou dificuldades semelhantes em falantes nativos do

espanhol aprendentes de inglês e diz que esta situação “results in scarcely fluent, natural discourse” (IGLESIA MORENO, 2001, p. 139).

É importante ressaltar que a repetição de um mesmo marcador conclusivo num texto é uma situação que não se regista nas produções escritas dos aprendentes que se encontram no nível C1. Este grupo faz um uso moderado deste tipo de marcadores, o que evidencia, em alguns casos, um conhecimento mais avançado da língua. Além disso, no único caso registado nesse nível em que dois marcadores conclusivos ocorrem no mesmo parágrafo, os mesmos são de naturezas diferentes, tal como se pode ver em (8):

(8) “E **finalmente**, no norte, tem muitos lagos <e muita água> e muitos depósitos dos minerais naturais; **por isso** tem muito actividade industrial, e a gente trabalha muito forte na fria. Mas, por evitar o tempo terrível, eles bebem muito a cerveja, a bebida mais famosa da região!” (INGLÊS.CA.C1.10).

Por outro lado, além do **por isso** e do **então**, outros marcadores conclusivos que igualmente ocorrem nas produções escritas dos aprendentes foram o **em conclusão**, **para concluir**, **por causa disso** e o **portanto**, todos eles com apenas uma ocorrência no nível B1 e o marcador **finalmente**, com igualmente uma ocorrência no nível C1. A complexidades de uns em relação a outros e a frequência destes marcadores conclusivos não sugerem uma evolução. Portanto, vários podem ser os fatores (linguísticos ou não) que podem ter influenciado a seleção dos mesmos.

Adequação semântico-pragmática dos marcadores

Outra análise feita sobre os dados, foi a que nos permitiu verificar a gramaticalidade dos marcadores conclusivos utilizados, de acordo com os contextos frásicos em que os mesmos ocorrem. E os resultados foram os seguintes:

Tabela 3 – Gramaticalidade na utilização dos MC

MD	Utilização		Total
	Correta	Errada	
Em conclusão	1	0	1
Então	3	0	3
Finalmente	1	0	1
Para concluir	1	0	1

Por causa disso	0	1	1
Por isso	17	0	17
Portanto	1	0	1
Total	24	1	25

Fonte: elaborada pelo autor.

De todas as ocorrências, registamos apenas uma em que o marcador conclusivo é utilizado de forma agramatical. Trata-se uma tentativa de representação do marcador *por causa disso* e que ocorre na forma *a causa de isso* tal como podemos conferir no extrato do texto:

(9) “Agora, leo coisas diferentes, tenho de ler para exames e <coisas> outras coisas /de universidade/ <e> *a causa de isto* não gosto de ler muito agora” (INGLÊS.ER.B1.110).

Em (9), temos uma evidência muito clara de que o aprendente tem noção do significado do marcador conclusivo que ele tenciona utilizar e recorre a estrutura mais próxima que conhece. Assim, *a causa de isto*, passa-nos a percepção de que o aprendente ainda não adquiriu as regras de combinação do português (da preposição e o pronome demonstrativo). Esta situação, de acordo com a teoria de aquisição da Primazia Tipológica de Rothman (2011), é muito comum quando se aprende uma língua como L3. Segundo esta abordagem, quando há uma “distância tipológica entre as línguas – é mais provável que ocorra transferência entre línguas que sejam tipologicamente próximas, pelo menos de acordo com a percepção dos falantes, do que entre aquelas que são tipologicamente distantes” (MADEIRA, 2017, p. 319).

Sendo que os textos analisados foram produzidos por falantes nativos do inglês, uma língua tipologicamente distante do português, a estrutura *a causa de isto* faz-nos lembrar outras como *a causa de eso*³, do espanhol e *a causa de ça*⁴ do francês para as quais, de acordo com o Rothman (2011), existe a possibilidade do aprendente ter recorrido, caso seja igualmente falante de uma dessas línguas ou tenha antes tido algum tipo de contato com elas.

Por outro lado, com o registo de apenas uma ocorrência semântico-pragmaticamente desadequada, não é possível confirmar a existência de um padrão de

³ Dicionário de la lengua española – Real Academia Española. Consultado a 10/01/2019.

⁴ Larouse - Dictionnaire de français. Consulado a 10/01/2019.

desvios na utilização dos marcadores conclusivos em textos escritos por falantes nativos do inglês.

Relação de conclusão implícita

Segundo Lopes e Carapinha (2017, p. 118) “as relações discursivas podem ser inferidas no processo interpretativo”, ou seja, em muitos casos não precisamos que os marcadores discursivos estejam expressos, não constituindo isso qualquer problema para o processo comunicativo, pois a competência pragmática e discursiva permite ao interlocutor perceber as relações entre as estruturas que são utilizadas. É este processo de possível omissão do marcador que consideramos relação de conclusão implícita.

Nas produções escritas analisadas, encontramos frases em que facilmente se percebe uma relação de conclusão, tal como podemos ver à seguir:

- (10) [?] *Eu gosto minha vive em Coimbra, e eu sou muitos coisas de fazer ao futura* (INGLÊS.ER.A1.36).
- (11) [?] *Sim, gosto muito meu tempo livre, mas sempre não é suficiente!* (INGLÊS.ER.B1.110 – 33.1J).
- (12) *Ainda que meu pais tenha muitas influências de outros países e de outra gente, esta mixtura de cultura chegou a ser algo muito interessante e [?] tenho orgulho de ser uma parte dela* (INGLÊS.CA.C1.20).

As frases em (10) e (11) nos textos escritos de que foram retirados ocorrem em posição final, ou seja, servem para fechar o texto. A frase em (10), por exemplo, foi extraída de um texto em que o aprendente descreve a sua vida em Coimbra e a mesma aparece depois de uma longa explicação sobre as razões por que gosta desta cidade. Assim, a frase em (10), além de fechar o texto, serve para resumir a resposta do autor do texto. O mesmo acontece no contexto em que a frase em (11) ocorre.

Apesar de não ser de utilização obrigatória, parece-nos que estas frases, num discurso de falantes nativos, seriam introduzidas por um marcador conclusivo, ficando, respetivamente, da seguinte forma:

- (10) [*concluindo/em conclusão/por isso...*] *Eu gosto minha vive em Coimbra, e eu sou muitos coisas de fazer ao futura* (INGLÊS.ER.A1.36).

- (11) [*concluindo/em conclusão/por isso...*] *Sim, gosto muito meu tempo livre, mas sempre não é suficiente!* (INGLÊS.ER.B1.110 – 33.1J).

Nestas possibilidades, os marcadores conclusivos, por serem facultativos, podem ser substituídos pelo marcador *resumindo* ou *em suma* e, neste caso, introduziriam uma condensação ou síntese do que foi previamente dito, função que, segundo Lopes e Carapinha (2017) pode ser igualmente desempenhada pelo marcador *por outras palavras*.

Relativamente à frase em (15), a oração conclusiva é introduzida pelo marcador *e*. A possibilidade de omissão do marcador conclusivo nestes contextos decorre do fato de os mesmos admitirem a sua “coocorrência com uma conjunção introduzindo a frase que afetam” (MATEUS *et al.*, 2003: 573).

Assim, caso o falante quisesse apresentar explicitamente o marcador conclusivo, várias seriam as possibilidades que o mesmo teria para o efeito, como podemos verificar em seguida:

- (12) “*Ainda que meu país tenha muitas influências de outros países e de outra gente, esta mistura de cultura chegou a ser algo muito interessante e [por isso/ por conseguinte/ portanto...] tenho orgulho de ser uma parte dela*” (INGLÊS.CA.C1.20).

Como podemos ver, a conjunção aditiva *e* absorve as propriedades semânticas de um marcador omitido no discurso, podendo, neste caso, ser qualquer um dos marcadores conclusivos.

Conclusões

Os marcadores conclusivos, enquanto estruturas complexas, não são de aquisição precoce. Esta pesquisa confirmou exatamente isso, ou seja, ao analisar as produções escritas por falantes nativos do inglês, não registamos nenhuma ocorrência destes marcadores no grupo A1. Os textos destes aprendentes são caracterizados por pequenos fragmentos frásicos e, em termos de extensão, por serem muito curtos. Estes marcadores começam a aparecer nos textos produzidos pelos aprendentes do nível B1.

De uma forma geral, o *então* e o *por isso* são marcadores conclusivos que com mais frequência ocorrem nas produções analisadas (situação que Oliveira, 2011, já tinha

constatado) e os únicos que aparecem quer no nível B1, quer no nível C1, o que nos leva a concluir que estes são os marcadores que os falantes de inglês mais facilidades têm de adquirir. Contudo, a utilização repetida destes dois mais marcadores conclusivos por parte dos aprendentes do nível B1 evidencia o estado de desenvolvimento linguístico destes alunos, ou seja, um mesmo marcador ocorre até três vezes num mesmo parágrafo, o que sugere uma incapacidade dos aprendentes recorrerem a outros marcadores equivalentes a estes.

Além do *então* e *por isso*, constatamos a ocorrência de outros marcadores conclusivos como *em conclusão*, *para concluir*, *por causa disso* e o *portanto* no nível B1 e o *finalmente* no nível C1, porém a ocorrência única dos mesmos não sugere uma evolução, nem permite que se estabeleça um padrão de desvio.

Temos consciência de que se o número da amostra fosse maior, chegar-se-ia a resultados mais sólidos na conclusão desta pesquisa, mas este pode ser um desafio para próximas pesquisas. Igualmente interessante, seria fazer uma análise comparativa da utilização dos marcadores conclusivos por falantes com diferentes línguas maternas.

Apesar disso, os resultados permitiram apurar a não ocorrência de marcadores discursivos em textos escritos dos aprendentes dos níveis analisados e as limitações na sua utilização que são importantes indicadores de que esta é uma temática que deve ser trabalhada desde os níveis iniciais de aprendizagem de uma língua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CONSELHO DA EUROPA. **Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas – Aprendizagem, ensino, avaliação**. Porto: Edições Asa, 2001.

COSTA, Armanda; ALEXANDRE, Nélia; SANTOS, Ana Lúcia; SOARES, Nuno. Efeitos de modelização no *input*: o caso da aquisição de conectores. In FROTA, Sónia; SANTOS, Ana Lúcia. **Textos Seleccionados do XXIII ENAPL**. Lisboa: Colibri, 2007, p. 131-142.

FREITAG, Raquel; SILVA, Rosangela; EVANGELISTA, Flávia. Marcadores discursivos interacionais: diferentes metodologias, diferentes resultados. In Revista **Diacrítica**, nº 31.1, 2017, p. 55-77.

IGLESIA MORENO, Ángela Eugenia. Native Speaker – Non-Native Speaker Interaction: The Use of Discourse Markers. In Revista **ELIA**, nº 2, 2001, p. 129-142.

KOCH, Ingedore Grünfeld Villaça. **A coesão textual**. 27ª edição revista e ampliada. São Paulo: Editora Contexto, 2002.

LÁZARO, José Portolés. La Teoría de la Argumentación en la lengua y los marcadores del discurso. In ZORRAQUINO, Martín; MONTOLÍO DURÁN, Estrela. **Los marcadores del discurso: teoría y análisis**. Madrid: Arco/Libros, 1998, p. 71-91.

LOPES, Ana Cristina Macário; CARAPINHA, Conceição. Por outras palavras e digamos: marcadores de reformulação? In: **Revista Galega de Filoloxia**, 18, 2017, p. 115-131.

LOPES, Ana Cristina Macário; CARAPINHA, Conceição. **Texto, coesão e coerência**. Coimbra: Almedina, 2013.

LOPES, Ana Cristina Macário; PEZATTI, Erotilde; MARQUES, Norma Barbosa. As construções com portanto no português europeu e no português brasileiro. In *Revista SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 5, n. 9, 2001, p. 203-218.

MADEIRA, Ana. Aquisição de língua não materna. In FREITAS, Maria João; SANTOS, Ana Lúcia. **Aquisição de língua materna e não materna: Questões gerais e dados do português**. Berlin: Language Science Press, 2017, p. 305-330.

MARQUES, Norma Barbosa; PEZATTI, Erotilde. **A relação conclusiva na língua portuguesa: funções resumo, conclusão e consequência**. São Paulo: Editora Cultura Académica, 2015.

MATEUS, Maria Helena Mira; BRITO, Ana Maria; DUARTE, Inês; FARIA, Isabel Hub; VILLALVA, Alina. **Gramática da Língua Portuguesa. 6ª Edição**. Lisboa: Caminho, 2003.

MONTOLÍO DURÁN, Estrela. La Teoría de la Relevancia y el estudio de los marcadores discursivos. In ZORRAQUINO, Martín; MONTOLÍO DURÁN, Estrela, **Los marcadores del discurso: teoría y análisis**. Madrid: Arco/Libros, 1998, p. 93-119.

MORAIS, Maria da Felicidade. **Marcadores da Estruturação Textual: Elementos para a descrição do papel dos marcadores discursivos do processamento cognitivo do texto**. Vila Real: Centros de Estudos em Letras da UTAD, 2012.

OLIVEIRA, Inês da Conceição Pinto de. **Coesão Interfrásica: os conectores discursivos em produções escritas de alunos de PLE**. Dissertação de Mestrado. Porto: FLUP, 2010.

OLIVEIRA, Maria do Carmo Pereira. **A sintaxe da coordenação e os conectores conclusivos - estudo de caso: a coordenação conclusiva na estruturação de textos argumentativos de jovens em idade escolar**. Tese de doutoramento. Porto: FIUP, 2011.

PENHAVEL, Eduardo. **Marcadores discursivos e articulação tópica**. Tese de doutoramento. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2010.

PENHAVEL, Eduardo. O que diferentes abordagens de marcadores discursivos têm em comum? *Revista (CON)TEXTOS Linguísticos*, Vitória – v.6, n.7, 2012, p. 78 - 98.

ROTHMAN, Jason. L3 syntactic transfer selectivity and typological determinacy: The typological primacy model. *Second Language Research* 27(1), 2011, p. 107–127.

SHANSHAN, Ren. **Construções de subordinação adverbial introduzidas por conectores: análise de produções escritas por aprendentes chineses de PLE**. Dissertação de mestrado. Coimbra: FLUC, 2015.

ZORRAQUINO, Martin; LÁZARO, José Portolés. Los marcadores del discurso. In BOSQUE, Ignacio; DEMONTE, Violeta. **Gramática Descriptiva de la Lengua Española**, V.III. Madrid: Espansa Calpe AS, 1999.

Como referenciar este artigo:

CALOSSA, Bernardino Valente. Aquisição dos marcadores discursivos – conclusivos – ao longo da aprendizagem do PLE por falantes de inglês. revista **Linguagem**, São Carlos, v.39. *Número temático PLE*. out./2021, p. 195-212.